

Trajetórias da arquitetura para o século XXI

LEITE, Juliano S. V.¹

Contato: julianosvleite@gmail.com

Linha de pesquisa: Projeto de Arquitetura

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas são vários os artigos e publicações que tentam descrever os conceitos e teorias dominantes na arquitetura. Porém, nos anos 1990, duas publicações sobre teoria arquitetônica surgiram causando um grande impacto no meio acadêmico: *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)*, organizada por Kate Nesbitt e *Architecture Theory Since 1968*, de K. Michael Hays. Neste primeiro livro, Nesbitt define teoria como um discurso sobre a prática e a produção da disciplina, tendo pontos em comum na história e na crítica. Porém, na teoria arquitetônica há uma diferenciação dessas atividades já conhecidas, uma vez que apresenta soluções alternativas propondo novos paradigmas de pensamento para a resolução de seus problemas.

Para Sykes (2013), desde os anos 1960, estes autores, consideravam teoria como um movimento específico que procurava reconstituir a disciplina arquitetônica por meio de conceitos mediadores, derivados de outras ciências, como a filosofia, linguística, psicologia e antropologia.

Do ponto de vista da teoria, os estudiosos afirmam que ao longo dos anos, esta ciência estudou a arquitetura não somente como profissão, mas como uma busca pela interpretação das possíveis intenções que fizeram os arquitetos desenvolverem determinados projetos e se estes possuíam alguma relevância cultural. Mesmo assim, Nesbitt (2013) afirma que é possível identificar uma recorrência em problemáticas arquitetônicas tanto no campo conceitual quanto físico, como por exemplo, o das origens e limites da arquitetura, de sua relação com a história e os problemas relativos ao seu significado e expressão cultural. Porém, nos últimos 30 anos do século XX surgiu uma nova questão entre os pesquisadores: o *pós-moderno*, que segundo esta autora, viria a ser a inexistência de um tópico ou de um ponto de vista predominante.

Este foi um período composto por tendências contraditórias em que de forma muito clara apresentava um desejo de quebrar as barreiras da teoria modernista, incluindo aí o formalismo, funcionalismo, a necessidade de uma ruptura radical com a história e o uso real e coerente das estruturas e dos materiais. Assim, o pós-modernismo apresentou-se como uma teoria em crise onde a interdisciplinaridade e o pluralismo eram suas maiores características. (Nesbitt, 2013)

Entretanto, Hays (1998 – Apud Sykes 2013) apresentou para este período final do século passado uma percepção de que existia uma corrente teórica que falava sobre a “junção da teoria crítica marxista e do pós-estruturalismo a leituras do modernismo arquitetônico” influenciando as demais teorias.

Para a primeira década do século XXI, de acordo com Sykes (2013), o mais recomendado é unir os dois pensamentos em relação à teoria crítica: a definição de Nesbitt e a avaliação de Hays sobre sua dominância. Com isso, ela afirma que dessa união surge um novo conceito da teoria crítica como uma “prática abrangente, de bases ideológicas, que se empenha em interrogar, elucidar, e, assim, aprimorar o mundo em que vivemos”.

Sempre muito questionada por quem realiza a prática profissional, a teoria arquitetônica muitas vezes é colocada em prova quando tenta se sobrepor ou justificar algum tipo de *práxis arquitetural*, colocando um questionamento sobre a utilidade desse conhecimento, ou sua aplicabilidade. Sobre isso, alguns arquitetos já se posicionaram a respeito das relações sobre *teoria x prática*.

Neste sentido, considera-se importante a realização de estudos e análises que contribuam para a compreensão dessas mudanças que estão ocorrendo, questionando-se como está a arquitetura neste início de século e quais caminhos está seguindo. Para melhor entender o rumo da arquitetura contemporânea, foram estudados nesta pesquisa alguns artigos que tentam decifrar o que está



ocorrendo no mundo arquitetônico e quais são os pensamentos dominantes da atualidade.

paralelo entre o discurso inicial dos projetistas com suas práticas à luz da teoria acadêmica existente.

OBJETIVOS

O objeto deste artigo é estudar e analisar as mudanças que a arquitetura vem sofrendo no campo conceitual, desde o início do século XXI aos dias atuais, buscando com isso, traçar um perfil profissional e teórico dessa nova geração de arquitetos emergentes na arquitetura internacional, a fim de questionar-se: (i) quais caminhos estão sendo seguidos por estes profissionais. (ii) quais as perspectivas de surgirem novas teorias e trajetórias a serem seguidas. (iii) qual o perfil projetual de alguns escritórios contemporâneos de arquitetura do início deste século, ganhadores de prêmios e títulos internacionais, com experiência profissional já comprovada.

Para tanto, um primeiro passo é analisar quais os pensamentos dos teóricos contemporâneos a respeito dessa arquitetura emergente a partir das indicações da literatura, sendo esse o objetivo principal desse artigo.

MÉTODO

Consiste na revisão crítica da literatura sobre conceitos e teorias dominantes na arquitetura. Para tanto, esta etapa foi dividida em pesquisa nacional e internacional, considerando publicações em congressos, periódicos e portais científicos, dissertações e teses, além de livros amplamente difundidos pela comunidade acadêmica.

Com isso, para uma melhor busca por informações, foram consideradas como palavras-chave os termos “arquitetura contemporânea” e “teoria arquitetônica”, tendo os livros *Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)*, organizada por Kate Nesbitt e *O campo ampliado da arquitetura – antologia teórica, 1993-2009*, organizado por A. Krista Sykes como principais fontes de informações e de pesquisa no âmbito nacional.

Com a preocupação de se fazer esta pesquisa mais ampla possível, vários periódicos, revistas e portais científicos foram pesquisados, buscando, assim, um universo amplo que pudesse abranger o maior grau de conhecimento dentro da área que se pretende investigar.

As informações encontradas foram organizadas em assuntos e tópicos em comum, para assim, serem comparados e cruzados. Finalmente, com as análises realizadas e artigos estudados, será possível traçar um

DESENVOLVIMENTO

Neste início do século XXI a arquitetura caminha sem apresentar um discurso teórico único, dificultando, de certa forma, a compreensão de qual caminho os projetistas estão seguindo. Muitas ideias, críticas e teorias têm surgido de maneiras distintas, fazendo com que os pensamentos arquitetônicos apareçam individualizados. Porém, como apresentou Jencks (2002), algumas características projetuais podem ser observadas nos conceitos e projetos de alguns arquitetos do *starsystem*. Entretanto, faz-se necessário procurar entender os princípios que norteiam os pensamentos destes profissionais que muito influenciam a arquitetura mundial. Com isso, torna-se imprescindível compreender e analisar o que os teóricos e críticos da arquitetura contemporânea comentam e descrevem a respeito das tendências e comportamentos projetuais destes *stararchitects* do século XXI.

No início desta década, uma antologia teórica surgiu na intenção de apresentar o pensamento arquitetônico contemporâneo: *O campo ampliado da arquitetura – antologia teórica, 1993-2009*, organizado por A. Krista Sykes. Neste livro, 28 artigos foram selecionados para identificar os pensamentos norteadores dos projetistas da atualidade. A seguir, apresentaremos resumidamente alguns destes pensamentos teóricos na busca de compreender qual caminho a arquitetura contemporânea deste início de século está seguindo: (a) Em 1993, **Greg Lynn** enaltece a curviliniaridade, o dobrado, o maleável e o flexível na arquitetura, apresentando a nova arquitetura do liso; (b) Com a visão de que o simples é o caminho a ser perseguido na arquitetura, **Deborah Berke**, em seu ensaio “Pensamentos sobre o cotidiano” (1997), expressa sua preocupação com a arquitetura de grife, muito enaltecida neste século XXI, onde a assinatura do arquiteto tem mais valor do que a obra em si e que para poder construir, o arquiteto precisa tornar-se uma celebridade para ser valorizado. O ideal para ela é uma arquitetura simples, genérica, que traduza o dia-a-dia das pessoas, apresentando uma preocupação com os desejos das pessoas comuns, projetando sem se prender a estilos ou fórmulas. Conclui que o arquiteto deve desenvolver a **arquitetura do cotidiano**, que tem a capacidade de ser funcional, além de ser exequível; (c) **John Rajchman** busca em seu ensaio “Um novo



pragmatismo?” (1997), discutir sobre algo que extrapolasse a discussão “teoria *versus* prática”, propondo um novo método de pensamento arquitetônico, caracterizado como um “pragmatismo do diagrama e do diagnóstico”, que nada mais é do que forças que não se podem prever apenas experimentá-las. Propõe um novo método de pensamento arquitetônico: **pragmatismo do diagrama e do diagnóstico**. Preocupa-se com um futuro incerto do qual não se tem referência no passado, uma vez que a todo o momento tenta-se construir algo novo, diferente do que até então fora executado, buscando respostas a novas questões ou a novas condições ou forças; (d) “Todo arquiteto tem a expectativa e a esperança de que seu trabalho sirva à humanidade, em algum sentido - e contribua para fazer um mundo melhor”. Com esse pensamento, o arquiteto **Samuel Mockbee** apresentou esta filosofia de trabalho no ensaio em que descreve o Rural Studio, iniciado no princípio dos anos 1990. Neste ensaio, ele mostra qual seria o papel do arquiteto dentro da sociedade. Desenvolvendo projetos alternativos dentro de uma realidade econômica, onde busca trabalhar com objetos regionais pouco convencionais. Descreve que o papel do arquiteto dentro da sociedade é dar às pessoas e ao lugar, na concepção do seu projeto, uma visão humanista e contrária ao modelo do arquiteto *popstar* e à arquitetura de grife. Propõe uma “Arquitetura da honestidade”, que seria a expressão do simples e do concreto; (e) **Rem Koolhaas** tem sido nessas últimas décadas um arquiteto bastante influente não só no meio profissional, como na cultura contemporânea. Em seu ensaio *Junkspace*, ele descreve um “estado cultural desconcertante, contraditório, ao mesmo tempo empolgante e aflitivo, que permeia a existência contemporânea: a busca incessante do novo, do inovador, do melhor e mais brilhante.” Trata da produção de uma “**arquitetura de excesso**” neste início de século, buscando apenas adicionar elementos sem coerências conceituais com isso, causando o surgimento de um espaço-lixo. Refere-se à busca de uma satisfação instantânea, onde busca a perfeição toda vez que se inicia um novo projeto mesmo sabendo que o que foi feito hoje já não servirá amanhã apresentando um excesso por si só e que não buscam por melhora, nem piora, apenas mais para ter mais. Apresenta um conceito em que se diz impensável prever os movimentos das pessoas ao contrário de épocas passadas em que o arquiteto ditava ou presumidamente previa o comportamento da sociedade; (f) **Jeffrey Kipins** em seu ensaio “A astúcia dos cosméticos”, analisa o caso do

escritório de Herzog & De Meuron, o qual considera um modelo de arquitetura que difere dos outros exemplos que estão ocorrendo neste início do século XXI quando utilizam formas cartesianas, materiais convencionais e práticas arquitetônicas estabelecidas e claras. Para este autor, o escritório desenvolveu o que ele chama de “*conceito do cosmético*”, que vem a ser uma nova maneira de se concentrar na fachada do edifício, levando a desenvolver uma “arquitetura elegante, sofisticada e estimulante” e ao mesmo tempo apresentando uma preocupação urbana extraordinária proporcionando uma atração acima da normalidade das demais obras existentes nos locais dos seus projetos; (g) No início deste século a arquitetura sustentável recebeu um elevado grau de importância nos projetos dos arquitetos. Como não poderia deixar de ser, os grandes escritórios internacionais passaram a servir de modelos a serem estudados e analisados em suas soluções para melhorar as condições climáticas do planeta. Em um ensaio intitulado “**Questionário verde**”, apresentado na *Architectural design: Green Architecture, na international Comparison*, em 2001, cinco grandes escritórios (Norman Foster, Jan Kaplicky, Richard Rogers, Ken Yeang e Thomas Herzog) debateram suas características projetuais no tocante a este quesito. São estas as respostas destes arquitetos: (i) **Projeto sustentável**: deve-se usar o máximo possível de meios passivos arquitetônicos com o intuito de poupar energia, definindo bem as escolhas dos materiais, além de ter preocupação com a integração entre os materiais e a energia. São suas recomendações: (ii) **Preocupações com o projeto**: o arquiteto deve se preocupar com: crescimento urbano desordenado; uso de materiais renováveis; escolha e a origem dos materiais; (iii) **Sucesso na era verde**: criação de sua própria energia usando combustíveis renováveis com isso o edifício deverá reduzir significativamente os custos de seu funcionamento e manutenção proporcionando uma integração perfeita das tecnologias renováveis com novas formas de expressão arquitetônica; (iv) **Natureza como guia**: os arquitetos devem utilizar as tradições vernaculares, formas orgânicas, tomar a natureza como exemplo a ser seguido no tocante a sua eficiência, desempenho, à adaptabilidade, à variedade e beleza que muitos organismos apresentam; (h) Com a certeza de que no início deste século a teoria perdeu o contato com a prática da arquitetura não tendo mais nenhuma consequência para ela, **Michael Speaks**, em seu ensaio *Inteligência de projeto: parte 1: Introdução* (2002), fala sobre seu conceito de inteligência “que a seu ver substituiu a teoria como conceito norteador da



arquitetura”, proporcionando o desenvolvimento do “**conceito de inteligência**”, que passa a ser o guia da arquitetura contemporânea através da **inteligência intelectual** apresentando arquiteturas empreendedoras buscando mais oportunidades de inovação não sendo previstas por ideias, teorias ou concepções. Com isso, apresenta inteligência de projeto na arquitetura como sendo um “conjunto inédito de técnicas, relações, disposições e outros aspectos intangíveis, que permitem que as práticas da pós-vanguarda inovem aprendendo com a instabilidade e se adaptando a ela, e com isso se diferenciem de suas predecessoras de vanguarda”. Diz que a nova arquitetura contemporânea também tem a capacidade de transformar a expressão verbal em algo confiável, não se enquadrando em nenhuma categoria dos sistemas de classificação existentes, não existindo uma forma única ou predeterminada de projetar, indo de caixas a bolhas, sem criar uma regra fixa e não se apoiando em nenhuma teoria especializada e estando sempre abertas às influências externas e com disposição para aprender novos processos projetuais; (i) Em seu ensaio *Acabaram-se os sonhos? A paixão pela realidade na nova arquitetura Holandesa ...e suas limitações* (2005), **Roemer Van Toorn** relata o fracasso da arquitetura crítica, como o regionalismo crítico e desconstrutivismo ao mesmo tempo em que enaltece as características da arquitetura contemporânea, como a força da vitalidade da cultura popular, incluindo o hedonismo, luxo e diversão. Diz o autor que essa arquitetura busca trabalhar de forma proativa dentro da realidade da vida moderna, em vez de não aceitar a sua existência ou, até mesmo, tentar evitá-la. Apresenta novas práticas projetuais cujas características formam a atual contextualização da arquitetura contemporânea holandesa: (i) **Autonomia**: arquitetura que se limita ao modelo geométrico, apresentando interesse pela forma, não se preocupando com o movimento, a complexidade, muito menos com os processos criativos; (ii) **Mise-en-scène**: a arquitetura como infraestrutura, buscando a interação do usuário com o observador ao mesmo tempo em que cria situações teatrais; (iii) **Naturalização projetiva**: também faz experiência com a arquitetura como infraestrutura buscando a interação do usuário com o observador, porém com o objetivo de conseguir sistemas apenas instrumentais e operacionais. Ao final, apresenta o fracasso do regionalismo crítico e desconstrutivismo ao mesmo tempo em que enaltece as características da arquitetura contemporânea, como a força da vitalidade da cultura popular, incluindo o hedonismo, luxo e diversão; (j) Em *O campo minado da*

arquitetura (2005), **Anthony Vidler** apresenta um ensaio sobre a arquitetura falando sobre a importância da paisagem, do local e do urbanismo, como também da relação da natureza com a escultura no tocante à monumentalidade. Com isso, ele fala que esses aspectos fizeram surgir um tipo de arquitetura que é “não exatamente arquitetura, tal como temos experimentado a arquitetura até hoje”. Apresenta quatro paradigmas que estão dominando a arquitetura contemporânea: (i) **arquitetura-paisagem**: inclui problemas ligados às perspectivas globais e regionais da forma urbana; (ii) **arquitetura-biologia**: técnicas digitais criando a ideia de bolha (blob), apresentando experiências sobre formas de organismos complexos; (iii) **arquitetura-programa**: inicialmente exercício acadêmico com o objetivo de produzir a forma de acordo com uma visão detalhada de sua função sendo atualmente uma função ampliada como maneira de sobrepor todas as convenções modernistas tradicionais criando, ao mesmo tempo, uma base para o surgimento de uma arquitetura que procura por uma realidade global, política, social e econômica contemporânea; (iv) **arquitetura-arquitetura**: apresenta uma característica comum que é o uso dos diagramas. Estes diagramas ultrapassam os conceitos binários do modernismo apresentando um novo campo de ação arquitetônica que agrupa forma e função dentro de uma mesma matriz de informação e animação. Além disto, enaltece o uso das novas tecnologias digitais como elemento importante no desenvolvimento de uma nova arquitetura; (k) Baseado em debates sobre o emprego do regionalismo na arquitetura, o **Steve A. Moore** em seu texto *Tecnologia, lugar e regionalismo não moderno* apresenta uma versão contemporânea sobre regionalismo crítico. Neste ensaio, o autor questiona a forma estética do regionalismo crítico de Frampton, a partir do pensamento de Bruno Latour e Henri Lefebvre que apresenta a arquitetura como uma prática política, apresentando um regionalismo regenerador “como estrutura para o pensamento arquitetônico do futuro”. Versão contemporânea sobre regionalismo crítico apresentando três elementos que melhor explicam o sentido de lugar: (i) **Localização**: descreve como área geográfica envolta por estruturas da política e da economia. São interligados entre si. (ii) **Sentimento de lugar e localidade**: “É a estrutura sensorial localizada, que permeia o estar em determinado lugar”. É o que chamamos de “qualidade de vida”. (iii) **Localidade**: é o cenário onde se constituem as relações sócias, como a cidade, a praça pública, o quarteirão e a vizinhança.



Propõe a substituição do termo “regionalismo crítico” pela “arquitetura regeneradora”, que vem a ser a alternativa a sustentabilidade e que esta arquitetura vai ao encontro da participação de instituições humanas na reprodução de lugares revigorantes. Apresenta três propostas à renovação do regionalismo crítico: São elas: reproduzir o regionalismo como uma prática que pertença ao contexto contemporâneo; fazê-lo com bastante atenção e compreensão dos usos e abusos históricos do regionalismo, com especial atenção no entendimento das relações de poder; enfrentar o desafio de oferecer uma orientação positiva à prática da arquitetura dentro do regionalismo crítico, mesmo este tendo pressupostos filosoficamente conflitantes dentro do movimento moderno; (I) Com uma preocupação em unir a teoria arquitetônica e a prática projetual contemporânea, **Arie Graafland**, em seu texto *Sobre a criticalidade* (2006), apresenta uma discussão a respeito da união da teoria acadêmica e a prática dos escritórios de arquitetura. Acredita que esta produção deve ser fruto de uma fusão que venha a gerar uma arquitetura intitulada “reflexiva”, vista comumente na “arquitetura de rua”, afirma o autor. Neste ensaio, Graafland questiona também sobre o conceito da inteligência de projeto tão difundido por Speaks, dizendo que os escritórios contemporâneos estão muito preocupados em novas práticas arquitetônicas, estratégias de organização empresarial e focados principalmente na inovação organizacional. O modelo perfeito de atuação para um escritório contemporâneo, segundo este autor, é a “combinação entre inteligência de projeto, tecnologia computadorizada, uma abordagem sofisticada de marketing, relações públicas e demais aspectos do negócio arquitetônico, de modo a criar uma prática “verdadeiramente inovadora”. O autor diz que a arquitetura não deve se afastar do território e do seu contexto, para não produzir apenas um formalismo estético desconectado de preocupações culturais, históricas e fenomenológicas, transformando o objeto arquitetônico mais importante do que a pessoa que irá vivenciá-lo. Diz ainda que a teoria é muito importante para a prática profissional para a construção o discurso teórico da arquitetura contemporânea. Porém, cita o autor que os escritórios de arquitetura não se interessaram pelo pensamento crítico do passado, ficando isso a cargo da filosofia e da sociologia dentro das universidades. Propõe a criação do termo “arquitetura reflexiva”, que trata de uma “arquitetura que se dirige reflexivamente aos próprios fundamentos, em conjunto com os processos de trabalho digitalizados e em maior escala que as tradicionais práticas de

escritórios empregadas até há pouco tempo”. Além disso, acredita que os escritórios não conseguirão aplicar este novo conceito sozinhos, necessitando do meio acadêmico, uma vez que os escritórios não dispõem de tempo para implementarem essa experimentação. Por fim, enaltece a supervalorização pela tecnologia, usando-a como instrumento de trabalho e diz que os arquitetos “não se preocupam mais com a história, com as partes administrativas e organizacionais inicialmente valorizadas, apenas voltando-se nos dias atuais, para a parte estética revolucionada pela tecnologia dos softwares”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto a respeito das tendências da arquitetura contemporânea através dos teóricos da atualidade e das trajetórias que ela está tomando em face de uma realidade global, pode-se afirmar que o profissional da prática projetual deste início do século XXI é aquele que pode seguir dois caminhos distintos: o **primeiro** é o caminho da simplicidade, como alguns estudiosos chamam de “arquitetura do cotidiano”, “arquitetura de rua” ou “arquitetura da honestidade”, onde há uma preocupação maior com o usuário em detrimento da estética da obra. Nesta arquitetura, as pessoas serão sempre o principal objeto a ser defendido. O **segundo** caminho que pode ser trilhado é o do excesso, onde o interesse pela forma prevalece acima de todos os pensamentos. Porém, algumas características são comuns a esses dois caminhos. Pode-se dizer que são: preocupação com a sustentabilidade, quando tentam reduzir ao máximo o consumo de energia das edificações, na escolha correta dos materiais e na produção de energias renováveis; o uso das formas da natureza como elementos inspiradores de criação; análise da paisagem, do local e do urbanismo como fase importante do entendimento do projeto a ser desenvolvido; melhor sentido e entendimento de lugar; aplicação de uma arquitetura reflexiva com auxílio dos meios acadêmicos; preocupação com usos, costumes e culturas locais e por fim, apresentação de uma inteligência intelectual com visão empreendedora buscando mais oportunidades de inovação. Com essas análises, buscou-se construir o perfil do profissional deste início de século, entendendo, de certa forma, como esta arquitetura contemporânea está sendo desenvolvida nos dias atuais e qual a tendência de pensamento arquitetônico para as próximas décadas.



AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dra. Maísa Veloso, pelas orientações e discussões realizadas até esta fase da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcela A.; LASSANCE, Guilherme C. **Metodologia da concepção arquitetônica contemporânea: o caso do grupo Nox**. Gestão e Tecnologia de Projetos, USP. Vol. 3, n^o 2, novembro, 2008.

BALTAZAR, Ana Paula. **O novo paradigma na arquitetura: a linguagem do pós modernismo**. Vitruvius. Arquitectos. No. 025.06 ano 03, jun. 2002. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/03.02/5/775>.

BANDEIRA, Camila R. Cardoso. **Eu também quero! Arquitetura como veículo de promoção de cidades e a grife Herzog & De Meuron**. Vitruvius. Arquitectos. No. 139.04, dez. 2011. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/12.13/9/4171>

CROSS, Nigel. **Natural Intelligence in design**. *Design Studies*. v. 20, n.1, p.25-39, 1999

GÓES, Mariza B. **Arquitetura contemporânea: processando a teoria através da prática**. II PROJETAR 2005. *Anais do...* Rio de Janeiro: PROARQ, 2005..

_____. **Arquitetura contemporânea: processando a teoria através da prática**. Tese de doutorado. Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

JENCKS, Charles. **The new paradigm in architecture: The language of Postmodernism**. New Haven: Yale University Press, 2002.

LAWSON, Bryan. **Como arquitetos e designers pensam**. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MONEO, Rafael. **Inquietação teórica e estratégia projetual na obra de oito arquitetos contemporâneos**. Tradução Flávio Coddou, São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MONTANER. Josep M. **A condição contemporânea da arquitetura**. Tradução: Alexandre Salvaterra. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

MOREIRA, Fernando D. **As caixas decoradas: ornamento e representação em Venturi & Scott Brown e Herzog & De Meuron**. Vitruvius. Arquitectos. No. 056.01, jan. 2005. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/05.05/6/509>

MOREIRA, Daniel de Carvalho. **Os princípios da síntese da forma e a análise de projetos arquitetônicos**. Campinas, SP, 2007. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo. Tese de doutorado.

NESBITT, K. (org). **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. (seleção de textos, Introdução e outros).

POLO, Alejandro Z. **Arquitetura em diálogo**. Tradução: Cristina Fino e Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SYKES, A. Krista (org.). **O campo ampliado da arquitetura. Antologia teórica 1993-2009**. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

VELOSO, Maísa. **O julgamento de projetos em contexto profissional: uma análise de quatro concursos de arquitetura no Brasil**. In: IV PROJETAR 2009. *Anais do...* São Paulo: Ed. Mackenzie, 2009.

VELOSO, Maísa. **Anotações de Aula. Disciplina Métodos e Técnicas do Projeto Arquitetônico**. PPGA/UFRN, 2015.

NOTAS

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, tendo como orientadora a Prof.^a Dr.^a Maísa Veloso.

